

Especiarias de Goa (Índia, 2008)

Rui Assis Ferreira

1. Parti para Goa nos primeiros dias de Fevereiro do Ano da Graça de 2008, à procura – como diria o cronista – de cristãos e especiarias.

Dos cristãos que lá encontrei, e dos muitos vestígios deixados pelos nossos antepassados nesta parte da Índia, não cabe ocupar-me aqui, por muito estimulantes que sejam todas essas memórias, afogadas pela floresta tropical e pelas atribulações humanas.

As especiarias que por lá encontrei, essas sim, justificam a notícia deste achamento, ou não se tivessem transfigurado nos “nossos” killies. Ocupemo-nos, pois, deles.

2. Quando se fala em Goa, o imaginário histórico português transporta-nos a uma metrópole iluminada pelas riquezas do império do oriente, terra de muitas e desvairadas gentes, mas com um perfil eminentemente urbano. E, no entanto, estamos a falar de um dos Estados que hoje integram a Republica Federal da Índia, com um território de cerca de 3 800 quilómetros quadrados.

Foi, pois, nas estradas desta outra Goa, especialmente na sua zona intermédia, que fiz a maior parte das minhas expedições históricas e “killiófilas”; ou seja, num raio de 50 Km, com centro a sul de Panjim, a capital.

Certo é que o Alberto Reis – a cuja avisada informação recorri antes da partida – tinha razão, ao profetizar, baseado em testemunhos, sobretudo ingleses, dos que por lá andaram, uma grande abundância de *Aplocheilus*.

E assim aconteceu, de facto: tendo Goa um território repleto de manchas de água, fruto da grande pluviosidade que ocorre na península do Industão, quase posso arriscar que em todas elas – dos rios aos simples charcos – existe uma ou outra espécie de killies. São eles o *A. lineatus* e o *A. kirchmayeri* (ou *A. blockii*, de que parece ser sinónimo), um e outro bem descritos e ilustrados no segundo tomo do “Killifishes of the World – Old World Killies”, do nosso conhecido Lothar Seegers.

3. Curiosamente, os pontos de pesca que explorei possuíam apenas uma das duas espécies, embora alguns dos canais ou afluentes visitados tivessem ligação entre si, fazendo supor que a separação entre *lineatus* e *kirchmayeri* será algo mais (o resultado de uma incompatibilidade?) do que uma mera inevitabilidade geográfica.

Por outro lado, a maioria dos meus locais de recolha era habitada pelos *kirchmayeri*, o que não deixa de ser surpreendente em função de dois factores: as referências deixadas pelos killió-

filos britânicos (os mais assíduos na região) apenas ao *lineatus* e a visivelmente maior corpulência (e aparente robustez) desta espécie. Quer isto dizer que, entre cinco diferentes biótopos (dois charcos, uma pequena lagoa, um ribeiro e um canal com ele comunicante), só nos dois últimos encontrei o *A. lineatus*,



Aplocheilus kirchmayeri Agassem INRF 08/1

e em quantidade aparentemente inferior à dos *A. kirchmayeri* nos outros três.

4. Discriminando:

Ponto de pesca nº 1 – estrada de Velha Goa para Panjim, cerca de 20 Kms a sul, perto da povoação de Agassem.

A recolha foi realizada por volta das 18h30, num charco relativamente extenso e pouco profundo (não ultrapassando, em média, os 10 cm), repleto de limos e *miryophilum* (foto 1). O pH situava-se nos 6, para uma temperatura do ar e da água pratica-

mente igual: 24º.

Só me foi dado pescar, aqui, o *A. kirchmayeri*, que apresentava, aliás, ratios desequilibradas: uma maior quantidade de fêmeas, com grande predomínio de peixes ainda jovens.

Ponto de pesca nº 2 – Bogmallo Beach, a cem metros do hotel

onde se situava o meu alojamento (debruçado, literalmente, sobre o oceano).

O habitat explorado, uma pequena lagoa, em forma arredondada, com diâmetro de uma trintena de metros e profundidade máxima de 40 cm,, encontrava-se em comuni-

cação intermitente com o mar, através de um sulco estreito e com escassos centímetros de altura que atravessava a areia da praia (foto 2).

Nesse pequeno canal, assim como nas zonas adjacentes da lagoa, pululavam, curiosamente, inúmeros juvenis de *Therapon*, espécie marinha que só a *posteriori* pude identificar, graças à ajuda esclarecida do João Gomes.

Importa esclarecer, no entanto, que a água do biótopo propriamente dito não acusava qualquer salinidade: o valor do pH medido foi de 6,5, a uma hora (10h) em

que a temperatura não ultrapassava os 24º (dois graus aquém da ambiente).

Também aqui, os únicos killies encontrados eram *A. kirchmayeri*.

Não estavam, todavia, sozinhos: partilhavam a lagoa com os já referidos *Therapon* e com uma quantidade apreciável de ciclídeos (identificáveis como *Etilopius suratensis* ou *maculatus*).

Os *Aplocheilus*, sempre com uma ratio desequilibrada (a favor das fêmeas), colonizavam sobretudo os bordos do recinto, onde se deixavam pescar com relativa facilidade.

Ponto de pesca nº 3 – canal adjacente à ribeira de Bogmallo, na localidade com o mesmo nome.

Situado em pleno palmeiral, e por isso protegido do sol excessivo, o biótopo correspondia mais a uma pequena vala, com 10 cm de altura de água (foto 3), onde algumas pessoas se entretinham a fazer saponária (!), para lavagem de roupa.

O pH não ultrapassava os 5,5; a temperatura da água era de 25º, no momento da recolha (15h).

Em toda a rede hidrográfica local – e também, portanto, aqui

– predominavam os *A. lineatus*, facilmente reconhecíveis pela mancha luminosa que lhes adorna o alto da cabeça. No caso específico deste ponto de pesca,



Aplocheilus kirchmayeri Bogmallo Beach INRF 08/2

conviviam com alguns barbos, e bem assim com peixes de fundo que não consegui identificar.

A *sex ratio* não era desproporcionada – ao menos nos exemplares apanhados –, mas, em contrapartida, apenas encontrei adultos, já de tamanho apreciável.

5. Cumprida a primeira parte da expedição, vi-me a braços com o problema, fundamental, do acondicionamento e transporte de uma vintena de peixes – tantos quantos me pareceu adequado aos constrangimentos a seguir referidos –, equilibradamente distribuídos pelas três populações já descritas.

De acordo com as informações que obtive à chegada a Goa, o aeroporto local estava sujeito a

um regime administrativo atípico, por depender das autoridades militares. Entre outras especificidades, o sistema de controlo por raios X estaria – como efectivamente estava – situado logo à entrada, ainda antes da zona de *check in*, o que significava que



Aplocheilus kirchmayeri Bogmallo INRF 08/3

também incidiria sobre a bagagem de porão (onde me propunha, inicialmente, alojar os meus pensionistas, para evitar qualquer surpresa desagradável na verificação da bagagem de mão). Assim sendo, achei preferível distribuir os killies por dois sacos de tiracolo, que sempre me permitiriam acorrer a urgência e outras situações inesperadas, de todo em todo incontroláveis a partir do momento em que me visse separado da restante bagagem durante o longo percurso de regresso a Londres. De resto, a parcimónia das recolhas que tinha feito era já resultado das limitações burocráticas previsíveis à partida de Goa, e não de

qualquer escassez das populações visitadas.

6. Foi aqui que a ajuda do Alberto Reis se revelou determinante, dado que se materializara, duas semanas antes, com o fornecimento de uns tantos sacos de

membrana porosa, fabricados pela Kordon (designados, em inglês, por "breathing bags"), que permitem reduzir ao mínimo, literalmente, o espaço vital ocupado por cada peixe, assegurando-lhe, ao mesmo tempo, as trocas gasosas indispensáveis à sobrevivência.

Graças a este engenhoso meio, pude acondicionar os animais dois a dois, com ocupação de um espaço tão reduzido nos sacos que facilmente passaria despercebido a um olhar mais inspectivo. E assim foi: a passagem pelos raios X decorreu tranquilamente, garantindo-me a possibilidade de vigiar de perto, na cabina do avião, o estado de saúde dos *Aplocheilus*.

Digamos, no entanto, que nem tudo funcionou perfeitamente. Fosse por erro meu, no encerramento de alguns sacos, fosse por perda inesperada da sua tensão interna, certo é que ainda aconteceram três ou quatro casos de esmagamento, que acarretaram

outras tantas perdas.

A escala londrina, de dois dias e meio, não trouxe mais problemas de conservação às minhas especiarias, que acabaram por chegar a bom porto 72 horas depois do embarque.

7. O alojamento teve em conta, naturalmente, a necessidade de separação das diferentes espécies, mas também o respeito pelos diferentes níveis de crescimento dos seus exemplares.

Os aquários utilizados para o efeito oscilaram entre os 40 e os 100 cm, sendo este último o novo habitat dos *A. lineatus* – para onde os mudei, ao ar livre, logo que as condições de temperatura, já a meio da Primavera, o consentiram.

Poucos dias depois do regresso a Portugal criou-se o ensejo de distribuir alguns dos meus pensionistas a colegas nossos da APK – o Alberto Reis e o João Gomes –, pelo que conservei comigo apenas os animais pescados em Bogmallo.

Tanto os *A. lineatus* como os *A. kirchmayeri* reagiram a contento: fácil adaptação aos novos ambientes, alimentação fácil (com comida viva e seca) e crescimento regular.

Apesar da proverbial acutilância dos machos, capaz de manter as fêmeas de ambas as espécies em permanente refúgio, a reprodução acabou por acontecer, e de forma natural, num e noutro caso. Dado que não me preocupei em recolher os ovos, é possível que o número de alevins sobreviventes não espelhasse bem a fertilidade dos *Aplocheilus*; ainda assim, permitiu-me desfazer o mito – criado por alguma literatura sobre os killies – da

particular dificuldade na reprodução dos *A. kirchmayeri*. Pelo contrário, esta espécie mostrou-se mais prolífica que os *A. lineatus*, quicá por dispor de um tanque (40 cm) mais proporcionado ao seu tamanho. Verdade seja dita que a transferência dos últimos para o aquário exterior, com um metro de comprimento, fez subir razoavelmente o número de crias recolhidas.

Nas minhas condições de criação – nada modelares, sobretudo quanto à alimentação dos jovens –, o desenvolvimento dos novos *Aplocheilus* tem-se feito de forma tranquila, deixando supor que os ritmos de crescimento serão muito fortes em ambientes mais dedicados.

8. Com a realização do nosso recente congresso surgiu a oportunidade, ou obrigação, de assegurar uma distribuição mais ampla das especiarias vindas do oriente. A ele confiei, pois, o destino dos adultos que me restavam, no pressuposto de que essa seria a melhor forma de acautelar a sua fixação no seio das comunidades killiófilas europeias.

Neste momento, restam-me alguns alevins das duas populações que conservei, já a darem os primeiros passos na via da diferenciação sexual. Como as notícias que me chegam sugerem que o mesmo se passa com os exemplares por mim cedidos, é de crer que Goa poderá esperar mais uns anos, até este pretexto se repetir.

Mas tal não será preciso. O destino vale por si mesmo, pela fusão familiar do cenário tropical e da diáspora lusitana, ao ponto de dispensar, hoje em dia, a busca das especiarias.